

LECIONAR PROBLEMAS DO HOMEM CONTEMPORÂNEO (PHC) EM CURSOS DE ENGENHARIA: DESAFIO OU ACOLHIMENTO?

Sandra Lia Rodrigues Franco¹

Resumo

O trabalho descreve a experiência didática na disciplina Problemas do Homem Contemporâneo (PHC) nos cursos de Engenharia na Universidade Católica de Santos. Tem, por objetivo, trazer reflexões sobre as estratégias docentes utilizadas durante as aulas, cujo objetivo foi acolher inicialmente os alunos e motivá-los para interagir no processo ensino-aprendizagem. Os resultados mostraram que também as questões éticas afloraram no trabalho em equipe, o que é fundamental na futura profissão.

Palavras-chave: Problemas do Homem Contemporâneo (PHC); Curso de Engenharia; dinâmica de grupo; ensino-aprendizagem.

Abstract

This report describes a pedagogical experience on a subject named Problemas do Homem Contemporâneo-PHC which is taught in Engineering courses at Universidade Católica de Santos-Unisantos. It aims to demonstrate learning strategies during classes which support, motivate and teach students through the teaching and learning process, as well as seek the ethical group work in the future career.

Key-words: Contemporary Human Problems-PHC; Engineering; Group Dynamics; Teaching and Learning Process.

Introdução

Há alguns anos leciono a disciplina Problemas do Homem Contemporâneo (PHC), curso coordenado pela Pró-Reitoria de Pastoral da Universidade Católica de Santos e que faz parte do currículo de todos os cursos da instituição. Como ex-aluna, tinha ciência de que a maioria dos professores que lecionavam a referida disciplina, além da experiência didática na disciplina, tinham formação religiosa, filosófica ou teológica. Desta forma, quando fui convidada a ministrar a disciplina, considereei um desafio e, com base na minha experiência anterior, pensava que os temas abordados deveriam ter estreita relação com a religião, para o que não me sentia apta.

Conversei com alguns desses docentes que, há anos, estavam à frente de PHC e entendi que, embora calcada e permeada pela visão cristã e, naturalmente, ética, esta disciplina poderia ser abordada de diferentes formas, com base na formação acadêmica de cada docente e na especificidade de cada curso, discorrendo, naturalmente, sobre os mesmos conteúdos. O segundo ponto que, de início, me

¹ Graduação em Pedagogia, Letras e Psicologia pela Universidade Católica de Santos. Mestrado em Psicologia e Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora da Universidade Católica de Santos.

preocupou foi o fato de fazer minha estreia enquanto docente daquela universidade como professora de PHC, justamente nos cursos de Engenharia, na área das ciências exatas.

Minha formação acadêmica possui lastro na Educação e na Saúde, e eu já havia trabalhado como psicóloga do Serviço de Apoio Pedagógico e Social-SAPES, na mesma universidade e, naquele cargo, havia atendido alunos de diversas áreas, inclusive, os da Engenharia.

Em minha experiência clínica, também já atendera pessoas das mais variadas profissões, mas, em ambos os casos, isto é, no consultório e no SAPES, ou mesmo em outros atendimentos clínicos, a profissão do paciente não costuma interferir. Nesses atendimentos, nosso objetivo é ajudar as pessoas a lidar melhor com situações que as incomodam e que possam interferir negativamente em seu dia a dia pessoal, familiar, social ou profissional.

Na realidade, tinha ciência de que a disciplina PHC está alicerçada no fator humano, mas, mesmo assim, receava não atender às demandas docentes que a disciplina exigia, no que tange à sua aplicabilidade em uma área tão diversa da minha formação, as ciências exatas. Desta forma, entre momentos de desejo e as apreensões, teve início minha jornada naquela universidade como professora, e foi a diversidade de constatações e de emoções, ao lecionar PHC para as engenheiras, que me fez compartilhar algumas dessas situações que, então, descrevo.

Neste relato não tenho a intenção de discorrer sobre a história da disciplina PHC; tampouco farei comparações entre as diferentes posturas pessoais ou didáticas de seus docentes, os quais, conforme mencionado, são oriundos de diferentes formações acadêmicas e, portanto, cada viés de trabalho reflete sua formação de origem e, também, suas características pessoais. Pretendo, no entanto, apresentar e comentar algumas estratégias que costumo utilizar em sala de aula para fomentar a discussão sobre posturas éticas e de relacionamento interpessoal dos alunos, enquanto futuros profissionais da Engenharia.

Com base nesta proposta, apresento a seguir parte do Plano de Ensino da disciplina PHC, que possui 34 créditos, distribuídos em 02 aulas semanais ao longo de cada semestre, e apresenta a seguinte ementa:

A disciplina Problemas do Homem Contemporâneo (PHC), expressão acadêmica da identidade católica da UniSantos, estuda o ser humano em sua essência e existência, proporcionando-lhe autoconhecimento, análise da sua condição humana e possibilidades de realizar-se como pessoa, tendo em vista a dignidade fundamental do ser humano e sua abertura transcendental. Desta forma, salienta as situações e os desafios contemporâneos que o interpelam na sua condição de pessoa, cidadão e futuro profissional. (UNISANTOS, 2012).

Percebe-se, por meio do conteúdo apresentado na ementa, a importância do estudo do homem enquanto um ser biopsicossocial e cultural, visto como cidadão, acima de tudo cristão, digno e, portanto, em condições éticas de crescer pessoal e profissionalmente.

Aqui, o conceito de ética poderia ser inesgotavelmente abordado, mas, de forma simples, dialogo com Savater (2002), relacionando ética à arte de viver bem, o que leva em conta as possibilidades que temos para inventar e escolher a forma de viver. Enquanto seres humanos, possuímos o livre arbítrio que nos conduz a este ou àquele lugar, seja um lugar concreto, palpável, ou pertencente à nossa subjetividade, aos nossos desejos conscientes e inconscientes.

Calcada nestas ideias da concretude dos fatos e, por outro, na subjetividade humana, a disciplina PHC tem por objetivo propiciar meios e condições aos alunos para que estes possam se desenvolver com responsabilidade, respeito, análise crítica e, ainda, que estejam engajados e atuantes em possibilidades transformadoras de inserção social, política, ecológica e econômica. Alicerçada nessas premissas, PHC permeia todos os cursos da Unisantos nos primeiros semestres, sendo, então, uma das portas de entrada dos estudantes no mundo universitário. Observo que, para os cursos de Graduação, PHC é oferecida em dois semestres e, nos Cursos Tecnológicos, em apenas um.

É importante lembrar que a universidade é um dos marcos de nossa vida, pois é por meio dela que, em geral, somos levados ao mundo profissional. Ora, se por um lado, o ambiente universitário abre portas para este mundo novo, também pode gerar momentos de ansiedade frente a este novo, justamente pelas diferenças que aí surgem, seja pelos ganhos ofertados pelo ambiente ainda desconhecido, ou pelas possíveis perdas de um passado ainda tão próximo:

Ao adentrar a universidade este jovem vê-se um pouco solto, como se houvesse uma ruptura na passagem do ensino médio para a etapa da graduação e nesse momento da vida, a adolescência, aquele sujeito que [...] andava na mesma 'turma de rua' [...], vê-se desligado de algumas pessoas de seu relacionamento, o seu grupo se dispersa e não mais se recompõe (FRANCO, 2001, p. 8).

É natural que, embora exista este clima de estranhamento frente ao novo ambiente, os alunos que se iniciam no curso superior, em sua maioria, reagem positivamente e, com o passar do tempo, esta situação tende a se desfazer. De acordo com a Teoria da Adaptação (SIMON, 1989), qualquer ser humano, para estar adaptado, basta estar vivo. Sendo assim, o grau de adaptação varia de indivíduo para indivíduo e também se modifica de acordo com a época da vida, tomando-se como base algumas situações a que ele é exposto. Desta forma, os setores adaptativos humanos apontados pelo autor, isto é, afetivo-relacional, produtivo, orgânico e sócio-cultural podem sofrer alterações para melhor ou pior em determinados momentos da vida.

Assim também acontece com os estudantes: ao adentrarem a universidade, podem ter seus setores adaptativos alterados, mas, com o passar do tempo, os mesmos se recompõem. Quando isto não acontece, é necessário atentar para situações específicas que possam ter gerado as inquietações e o desequilíbrio na adaptação em geral, e providências devem ser tomadas.

Esta queda na adaptação geral dos alunos poderá ou não ser percebida, seja pelos familiares, professores, colegas, inclusive, por eles mesmos. Em geral, estas situações podem acontecer de forma tão leve e tão rápida que logo o aluno se refaz e, em pouco tempo, retoma sua vida normal, isto é, aquele novo ambiente deixa de causar ansiedade e o período da graduação transcorre naturalmente.

Isto significa que a adaptação costuma se refazer com o passar do tempo durante o período da graduação, o que, certamente, é amparado pela forma de agir dos alunos e, muitas vezes, da família, dos professores e da universidade como um todo. Quando isto não acontece, há, então, a necessidade de interferência como, por exemplo, encaminhar os alunos a setores da universidade, que possam atendê-los e orientá-los.

Com base nesta linha de pensamento, poderíamos dizer que PHC, por ser uma disciplina de início de curso, tem sua importância vinculada a vários aspectos. Um deles é que PHC é o primeiro contato do universitário com questões acadêmicas

universitárias; então, a exemplo de outras disciplinas de primeiros semestres, pode causar estranhamento e, conseqüentemente, ansiedade.

Outro aspecto é que PHC, por pertencer à área das humanidades, ao ser apresentada aos alunos que buscam as ciências exatas, é, por vezes, entendida como desnecessária ou inútil. Cabe, então, ao professor, da mesma forma que acolhe os alunos frente a possíveis situações de queda na adaptação inicial do curso, auxiliá-los na compreensão da essência da disciplina. Este exercício também implica em permear a disciplina no segmento de cada curso em formação, preparando os estudantes universitários a se tornarem profissionais atuantes e dignos.

Estes dois aspectos podem se unir a diversos outros que, indubitavelmente, justificariam este relato, mas aqui, especificamente, pretendo discorrer somente sobre dois pontos: PHC enquanto disciplina de início de graduação e, enquanto disciplina calcada nas questões subjetivas e éticas do estudante das ciências exatas, neste caso específico, as Engenharias.

1. PHC nas turmas de Engenharia

Em geral, as turmas de Engenharia possuem mais de 30 alunos e, no caso de haver um número inexpressivo de alunos em cada modalidade, as aulas se tornam compartilhadas. Assim, alunos do curso matutino da Engenharia Ambiental compartilham o mesmo horário de aula dos alunos das Engenharias de Produção e/ou de Petróleo. Isto significa que o número de alunos varia, dependendo da modalidade da Engenharia, do turno escolhido e, também, do apelo das mídias frente às possibilidades de maior ou menor inserção no mercado de trabalho.

A existência de diversas modalidades de Engenharia na instituição, aliada ao fato de lecionar em várias delas, poderia me levar a diferentes constatações com base nas experiências vivenciadas nestas diferentes modalidades, pois, certamente, há diferenças entre a forma de ser e pensar dos alunos das diferentes especificidades.

Aqui, no entanto, minha proposta não é analisar o perfil dos alunos desta ou daquela Engenharia, conforme mencionei anteriormente, mas apenas tratá-los como pertencentes à área das ciências exatas. Então, para escrever este relato de experiência, optei por agrupar os alunos de todas as modalidades, nomeando-os, simplesmente, estudantes de Engenharia.

Ainda, a meu ver, o compartilhamento das diferentes modalidades leva a duas situações: por um lado, pode ser entendido como uma situação exaustiva para o professor devido ao elevado número de alunos em cada classe; por outro, torna necessária a utilização de diferentes e criativas estratégias didáticas, o que pode enriquecer o cotidiano escolar.

No caso de PHC, encontrei nesta segunda situação, isto é, na necessidade de utilizar diferentes estratégias didáticas, uma possibilidade de enriquecer o relacionamento interpessoal entre os alunos das diferentes turmas, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem. Além do dia a dia escolar que já propicia o conhecimento e, frequentemente, o entrosamento entre os alunos, vi a necessidade de utilizar exercícios de dinâmica de grupo para motivar e manter saudável este relacionamento.

Dialogando com Miranda (1997), os exercícios de dinâmica de grupo propiciam o desenvolvimento dos valores individuais e coletivos dentro de um determinado segmento social, neste caso, a sala de aula; buscam o autoconhecimento, a responsabilidade, confiança mútua, integração grupal, cooperação, polidez, benevolência,

capacidade de liderança, de decisão e de iniciativa. Além disso, ajudam a manter aberto o canal de contato pessoal e afetivo com os alunos, facilitando o processo ensino-aprendizagem

É natural que este contato deva ser próximo e, ao mesmo tempo, distante, isto é, equidistante (BENETTON, 2002). O autor, ao se referir ao relacionamento terapeuta-paciente, fala da necessidade de haver uma certa distância entre os dois para que não aconteça a fusão entre os mesmos; quando não praticamos a equidistância, corremos o risco de nos mesclarmos com nossos pacientes, o que dificultaria o processo dos atendimentos clínicos. Esta equidistância também é necessária em sala de aula para que não } [• Não tornemos simplesmente amigos de nossos alunos, mas sim, uma figura de diálogo, de respeito e, ao mesmo tempo, de continência a quem eles sempre poderão recorrer em caso de necessidade.

Nesta mesma linha de pensamento, compartilho das ideias de Fritzen (1997), ao abordar a figura do animador que conduz os exercícios de dinâmica de grupo, neste caso, o professor:

[...] cabe esclarecer as situações, levar as pessoas a interiorizar seus problemas, provocar uma sincera reflexão, despertar a solidariedade grupal e ainda criar um ambiente de compreensão e de aceitação mútua, de autêntica fraternidade e de acolhida, para que cada qual, sustentado psicologicamente, encontre resposta positiva às suas inclinações naturais de segurança, de reconhecimento, de aceitação e de valorização pessoal. (FRITZEN, 1997, p.8)

Isto reforça os comentários anteriormente expostos com respeito aos objetivos das dinâmicas de grupo, mas, principalmente, à postura adotada pelo professor enquanto animador desses momentos.

Antes de descrever algumas situações em que me utilizo de exercícios de dinâmica de grupo, creio ser importante apresentar o conteúdo programático de PHC (UNISANTOS, 2012), que é distribuído em quatro temas em cada semestre. Estes temas subdividem-se, para fins didáticos, em dois outros tópicos, apresentados e discutidos com os alunos conforme o andamento de cada turma. No primeiro semestre, os temas são:

I) Introdução geral à disciplina PHC:

1. PHC e Marco Referencial da Unisantos.
2. Plano de Ensino.

II) Campanha da Fraternidade:

1. Histórico, lemas e temas.
2. PHC e Campanha da Fraternidade.

III) Situações e desafios do homem da atualidade:

1. Contexto: social, ecológico, econômico, político e cultural.
2. Trabalho, formação profissional e cidadania.

IV) Autoconhecimento e sentido da vida:

1. Subjetividade, ética e espiritualidade.
2. Contexto pessoal.

No segundo semestre, os temas são:

I) Dinâmicas de realização antropológico-psicológica:

1. O ser humano como pessoa.
2. Dimensões intelectuais, relacionais e psicossociais.

II) Dinâmicas de realização ético-moral:

1. Ética do cuidado.
2. Formação da personalidade moral.

III) Dinâmicas de realização teológico-religiosa:

1. O ser humano e o fenômeno religioso.
2. A experiência cristã de Deus.

IV) Dinâmicas de realização sócio-política:

1. O ser humano como sujeito da História.
2. Cidadania e participação política.

Como se pode perceber, os temas de PHC vão desde o Marco da Universidade, até os conteúdos específicos do homem enquanto um ser biopsicossocial e cristão. A disciplina, por meio da leitura, explicação e discussão do Marco Referencial, desde o seu início, coloca o estudante em contato com o meio que escolheu para traçar seu futuro profissional, pois nesse momento são apresentadas e discutidas com os alunos questões pilares da universidade.

Em seguida, costumo apresentar o Plano de Ensino de PHC (UNISANTOS, 2012). Para a apresentação deste item, seria interessante que também houvesse discussão com os alunos, mas a experiência tem me mostrado que, naquele momento, devido à imaturidade pessoal no tange ao desconhecimento sobre o mundo universitário, os alunos denotam dificuldade de se posicionar quanto ao conteúdo programático, à forma de avaliação, às referências bibliográficas, etc.

Tendo em vista estas situações, costumo retomar o Plano de Ensino no dia a dia escolar, ou seja, ao finalizarmos um item, chamo a atenção sobre os conteúdos ali estudados e faço uma breve introdução ao item que abordaremos a seguir. Assim, gradativamente, os outros itens vão sendo apresentados.

Tenho por costume situar os alunos no tempo e no espaço, pois entendo que os estímulos que eles recebem ao iniciarem a universidade são muitos e diversos: diferentes disciplinas, diferentes conteúdos, professores, enfim, muitas situações novas que lhes são apresentadas de uma só vez, prejudicando a absorção adequada de todas as situações a que ficam expostos em seu ingresso no novo mundo da universidade.

Não se trata de, como se diz popularmente, “colocar a mão na cabeça do aluno”, não se trata de poupá-lo quando de sua entrada no mundo universitário; ao contrário, creio que o papel do professor, em especial, dos que lecionam nos primeiros semestres da graduação, deve ser pedagógico, e pedagógico, a meu ver, também significa acolhedor.

Com base nessas questões, apresento algumas estratégias didáticas que utilizo no dia a dia, as quais são constantemente analisadas em conjunto com os alunos para que eu possa, ao longo do semestre e na passagem de um semestre para outro, vislumbrar um trabalho eficaz. Observo que, embora desde o início deste relato, eu tenha voltado minha atenção aos alunos que fazem seu *debut* no ambiente universitário, esta ideia estende-se a todos os outros, pois, mesmo aqueles que já

cursum outra graduação ou outra universidade também se encontram, n^s•eAno-mento da vida, em um novo ambiente.

2. Metodologia

No primeiro dia de aula, gosto de deixar que os alunos conversem com os colegas para amenizar o clima de estranhamento natural de um novo ambiente. A dinâmica de apresentação propicia o conhecimento de todos e diminui a ansiedade.

Ao invés de solicitar a cada aluno que fale sobre a sua própria vida pãæa turma, estabeleço a seguinte norma: durante 10 minutos, todos os alunos se movimentam pela classe, isto é, caminham pela sala, em qualquer direção eÉao meu sinal de “ok”, eles param onde estiverem e conversam em trios, isto é cada aluno tem contato com os dois alunos dos quais estiver mais próximo.

Naturalmente, só informo que eles conversarão com os outros dois colegas após o momento em que efetivamente dou o “ok”, pois se avisá-los com antecedência, tenderão a caminhar ao lado de quem já conhecem, ou de alguém que os chame à atenção positivamente.

É interessante que, no momento em que dou o “ok”, os alunos ficam realmente parados, como se estivessem impedidos de agir por si próprios, refletindo as sensações naturais frente ao novo. Então, para quebrar o gelo inicial, costumo dizer que o fato de ficarem tão quietos também reflete o bom comportamento e o silêncio em que as aulas vão transcorrer durante o período da graduação.

Quebra-se, então, parte do estranhamento e as conversas têm início. Passados alguns minutos, a tendência é que aumentem o tom de voz, o que denota o início da descontração; percebo, então, que é hora de começar a trabalhar os primeiros contatos entre eles.

Diferentemente do que acontece nas empresas em que tenho trabalhado com este exercício de dinâmica de grupo, os alunos, possivelmente, por serem jovens, ainda não possuem experiência de trabalho. Desta forma, tendem a falar sobre seus dados pessoais, como idade, estado civil, baladas que frequentam, preferências musicais, cidade de proveniência etc.

Como temos vários alunos que vêm de outras cidades para estudar em Santos, aproveito a oportunidade para solicitar àqueles que moram aqui, que ajudem os colegas com informações sobre a cidade, sobre os locais por eles frequentados, enfim, procuro auxiliá-los no processo de entrosamento e acolhimento.

Ao término destes 10 ou 15 minutos, peço que façam um círculo e contem à turma o que lembram da conversa que tiveram com os colegas, quem são estes colegas, de onde vêm e outras questões relacionadas com o dia a dia pessoal dos alunos. Ao me referir ao círculo, gosto de substituí-lo pelo vocábulo “rodinha”. Aprecio esta terminologia porque remete a brincadeiras infantis e os universitários, em sua maioria, em final de adolescência e início de vida adulta, lidam bem com as brincadeiras e com alguns termos infantis, tornando o ambiente leve e favorável à aprendizagem.

Desde esses momentos, já consigo perceber situações de timidez, liderança, ansiedade, entre outras. Sabendo que existem alguns alunos que apresentam dificuldade para se expressar e outros que se estendem demasiadamente nas explicações, estabeleço um tempo máximo, por volta de dois ou três minutos, para a fala de cada um.

Em geral, quando se utiliza es•e exercício de dinâmica de grupo, as pessoas que dele participam costumam falar sobre si mesmas. Minha experiência tem mostrado

mais eficácia quando um aluno fala pelo outro, pois, desta forma, evitamos que alguns se delonguem nas explicações sobre sua vida, aumentando a ansiedade de outros que possam se sentir mais inibidos a falar em público. Ainda, ao falarem uns sobre os outros, a quantidade de informação que se consegue reter na memória é menor, o que leva à homogeneidade de tempo que concerne à expressão oral.

Outra situação típica de jovens universitários é a dificuldade para reter ou mesmo entender uma solicitação do professor. Quando essas situações acontecem, pode haver dificuldade para entender mensagens do professor ou dos colegas sobre a forma de realizar algum trabalho, data de entrega de resenhas e relatórios, ou mesmo data de realização de avaliações.

Há algumas situações que nós, docentes, não conseguimos reverter, pois refletem falta de desejo do aluno em relação ao seu envolvimento com o curso. Sabemos que alunos não investem na graduação por vários motivos, como por exemplo: arrependem-se da escolha do curso, apresentam dificuldades financeiras, são imaturos, têm dificuldade de engajamento com os colegas de turma, assim como outros motivos que, consciente ou inconscientemente, podem se tornar obstáculos para um rendimento eficaz. Outras situações, porém, podem ser amenizadas mediante auxílio de exercícios de dinâmica de grupo.

Pensando em questões preventivas que podem amenizar as situações acima descritas sobre ruídos na mensagem, gosto de trabalhar com um documento chamado comunicação interna, comumente utilizado nas empresas para dar ciência aos funcionários sobre alguma norma ou determinação corporativa.

Apresento, então, uma paráfrase do costumeiro teor empresarial que trata dos possíveis ruídos comunicacionais:

COMUNICAÇÃO INTERNA

De: Diretor

Para: Gerente

Na próxima sexta-feira, aproximadamente às 17h00, o Cometa Halley estará nesta área. Trata-se de um evento que ocorre a cada 78 anos. Assim, por favor, reúnam os funcionários usando capacetes de segurança, no pátio da fábrica, quando explicarei o fenômeno a eles. Se estiver chovendo não poderemos ver o raro espetáculo a olho nu. Sendo assim, todos deverão dirigir-se ao refeitório, onde será exibido um filme documentário sobre o Cometa Halley.

COMUNICAÇÃO INTERNA

De: Gerente

Para: Supervisor

Por ordem do Diretor Presidente, na sexta-feira, às 17h00, o Cometa Halley vai aparecer sobre a fábrica, se chover. Por favor, reúna os funcionários, todos de capacete de segurança e os encaminhe ao refeitório, onde o raro fenômeno terá lugar, o que somente acontece a cada 78 anos. [...]

AVISO AOS FUNCIONÁRIOS

Na sexta-feira o chefe da Diretoria vai fazer 78 anos, e liberou geral para a festa, às 17 horas, no refeitório. Vai estar lá, pago pelo manda chuva (o Diretor), “Bill Halley e seus cometas”. Todo mundo deve estar nu, de capacete, porque a banda é muito louca e o rock vai rolar solto até no pátio, mesmo com chuva.

Por meio da ludicidade do texto, os alunos se conscientizam das falhas comuns ocorridas na comunicação e ficam mais atentos. Ressalto, ainda, que para haver sucesso em nossas aulas, precisamos entender a comunicação como um processo, conforme nos mostra Bakhtin (1997) ao criticar a função apenas comunicativa da linguagem; julga necessário que o ato de nos comunicar com o outro seja configurado como um processo comunicacional. Sugere que este processo implique { todo comunicacional que, neste caso específico, tange à não passividade dos alunos enquanto receptores da mensagem, isto é, seu papel é tão ativo quanto o do emissor, isto é, o professor. Este último envia a mensagem e os alunos a recebem de forma crítica, concordando, discordando, acrescentando, enfim, formando o todo comunicacional.

Aludindo também a Pereira (2003), no que concerne às implicações comunicacionais do ser humano, precisamos levar em conta que o comportamento do homem, independentemente de haver movimento ou som, é, por si só, um ato da comunicação, intencional ou não. Isto significa que a comunicabilidade está presente em quaisquer ambientes e, dada a sua importância para o ser humano, cabe-nos entendê-la e praticá-la nas suas mais variadas formas.

Nesta mesma linha da comunicabilidade, aprecio outro exercício de dinâmica de grupo que aprendi há muito anos quando fazia um curso no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas-SEBRAE, sobre atendimento ao cliente.

Na época, o exercício que agora descrevo de forma resumida nos havia sido sugerido para trabalharmos questões relacionadas às frustrações originadas por perdas da nossa clientela. Com o passar do tempo, comecei a utilizá-lo em sala de aula para auxiliar os alunos a compreender a necessidade e o processo da formação de equipes no mercado de trabalho e os resultados têm se mostrado eficazes.

A exemplo de vários outros exercícios com a mesma finalidade, este fornece aos alunos 15 itens relativos à navegação, dos quais precisam escolher apenas 11 para levar consigo em uma situação de emergência em alto mar.

Em primeiro lugar, cada aluno recebe uma folha de papel narrando uma situação perigosa e contendo todos os itens que sobraram no iate, ou seja, itens necessários e itens desnecessários, cuja escolha (para levar ou não) ficará a critério de cada aluno.

Após terem feito suas escolhas, iniciando pelo item mais importante até chegar ao menos importante, peço-lhes que se agrupem e discutam os itens que escolheram com o objetivo de chegar a uma decisão grupal a respeito do que deve ser levado e dos itens a serem desprezados.

É interessante observar a dinâmica da turma: no primeiro momento, ou seja, quando os alunos são solicitados a escolher os itens, reina o silêncio e, naturalmente, algumas tentativas de copiar as respostas do colega mais próximo. A partir do momento em que são colocados em grupo, começam as discussões que se estendem até o último minuto concedido para a realização daquela atividade.

Ao final, informo os itens que, de acordo pessoas que entendem de navegação, seriam os mais importantes, e os desnecessários. Mediante o gabarito, os alunos fazem a contagem dos pontos obtidos individualmente e dos pontos obtidos em grupo.

Em geral, a pontuação é baixa tanto individual como grupalmente e causa indignação, pois, a ordem escolhida por eles pode ficar próxima da correta, mas um número errado também altera toda a sequência; desta forma, torna-se muito difícil alcançar mais de 2 ou 3 pontos.

Além do jogo que, a meu ver, é interessante e, portanto, mobilizador, desperta diferentes emoções. Alguns alunos levam-no na brincadeira e dão gargalhadas com a baixa pontuação obtida; outros, além de se irritarem quando estão discutindo no grupo, não se conformam com os resultados.

Por meio desta atividade, consigo perceber e trabalhar situações de ansiedade, ética, frustração, medo de errar e supervalorização do “eu” ao acertar mais que os colegas. Além disso, também podem ser observadas reações de passividade frente à decisão do grupo em detrimento de sua escolha individual, e outras questões que dependem da dinâmica de cada turma.

Considerações

Os exercícios de dinâmica de grupo, anteriormente mencionados e outros que costumo utilizar em sala de aula, auxiliaram-me no trabalho pedagógico das turmas de Engenharia e também de outros cursos em que leciono. Essas dinâmicas têm, essencialmente, facilitado o trabalho pedagógico com as turmas, sejam elas numerosas ou não. Além disso, têm propiciado a introdução dos itens do conteúdo programático, levando os alunos a alinhar as ideias contras da disciplina.

Isto significa que, por meio do entrosamento alcançado nas relações interpessoais, o processo ensino-aprendizagem também é facilitado, ampliando-se as possibilidades de inferências e constatações dos alunos sobre os assuntos relacionados no conteúdo programático. Outrossim, esses exercícios levam os alunos a entrar em contato com suas características individuais e a buscar maior adequação nas formas que utilizam para viver em grupo. As questões cristãs e, portanto, éticas surgem a todo momento e são naturalmente introjetadas pelos alunos. Desta forma, em caso de haver eventuais resistências frente à disciplina, estas são amenizadas com o decorrer das aulas.

Acredito que, embora os resultados pareçam ser bons para a maioria dos alunos, não podemos inferir que sejam bons para todos; afinal, estamos falando de seres humanos possuidores de diferentes desejos e de livre arbítrio para realizá-los ou não.

O que desejo registrar é que esta experiência tem sido gratificante, pois é o início da vida profissional em equipe. Neste caso específico, o lúdico, por ser um facilitador da absorção dos conteúdos teóricos e de questões mais subjetivas, interfere de maneira positiva individual e grupalmente, preparando nossos alunos para a vivência universitária e profissional. Por meio das reações dos alunos frente aos conteúdos aprendidos e às estratégias utilizadas, percebo que os objetivos têm sido alcançados. Também me sinto gratificada quando encontro alunos ou ex-alunos nos corredores da universidade e ouço: - “e aí, prof., vai ter rodinha hoje? - Manero...”

Sinto-me, então, abraçada. É este mesmo acolhimento que, ao longo dos semestres, tento proporcionar a estes jovens que em tão pouco tempo se tornarão profissionais a conduzir, eticamente, suas famílias e a nossa sociedade.

Referências

- BENETTON, L. G. *Temas de Psicologia em Saúde: A Relação Profissional-Paciente*. São Paulo: L.G.Benetton. 2002
- BAKHTIN, M. O enunciado, unidade da comunicação verbal. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.289-325.
- FRANCO, S. L. R. *Análise da eficácia adaptativa de estudantes de Psicologia e indicação psicoterapêutica como medida preventiva*. 2001. Mimeo. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 118 f.
- FRITZEN, Silvino José. *Exercícios Práticos de Dinâmica de Grupo*. 24 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.
- MIRANDA, Simão de. *Oficina de Dinâmica de Grupos para empresas, escolas, e grupos comunitários*. 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1997.
- PEREIRA, J. H. *Teoria da Comunicação*. Rio de Janeiro: Quartet - UniverCidade. 2003.
- UNISANTOS. *Plano de Ensino de Engenharia*. Disponível em: <http://www.unisantos.br/notasefaltas/plano_consulta.php>. Acesso em: 21 mai. 2012.
- SAVATER, Fernando. *Ética para meu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SIMON, Ryad. *Psicologia Clínica Preventiva: Novos Fundamentos*. São Paulo: EPU, 1989.

